

## Manchetes assustadoras

a construção social do medo entorno de um caso de violência sexual

Jimena Maria Massa

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MASSA, JM. Manchetes assustadoras: a construção social do medo entorno de um caso de violência sexual. In: TRAVANCAS, I., and NOGUEIRA, SG., orgs. *Antropologia da comunicação de massa* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2016. Paradigmas da Comunicação collection, pp. 219-249. ISBN 978-85-7879-332-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# Manchetes assustadoras: a construção social do medo entorno de um caso de violência sexual

*Jimena Maria Massa*

Uma figura aparentemente indomável, recriada como fortemente ameaçadora e onipresente, foi a protagonista da extensa cobertura jornalística do caso publicamente conhecido como “o estuprador serial de Córdoba” (Argentina), referente a um homem que estuprou 93<sup>75</sup> mulheres nessa cidade. A discursividade midiática construída em torno da criminalidade – habitualmente exibida como muito próxima dos cidadãos – incorporou, neste caso, durante os quatro meses de cobertura, a temida figura do “estuprador”<sup>76</sup>,

---

75 Cifra informada na época por fontes do Poder Judiciário de Córdoba e citada no livro *La marca de la bestia* (2005), cuja edição é posterior à cobertura utilizada para esta pesquisa. No entanto, existem dúvidas a respeito da existência de outros casos não denunciados, e de mais alguns que foram denunciados, mas não provados.

76 Cada vez que “estuprador”, “estuprador serial” ou “o serial” aparece entre aspas significa que estou utilizando uma categoria nativa; trata-se das expressões presentes no discurso jornalístico para se referir ao homem que estuprava as mulheres e cuja identidade era ainda desconhecida.

sempre apresentada como um perigo iminente e irredutível, especialmente para as mulheres.

Mientras (o estuprador) no cometa un error, seguirá habiendo pánico en la ciudad (LA VOZ DEL INTERIOR, 23.10.2004).

Mientras el e-mail que escribió la última víctima del violador serial sigue dando vueltas por Internet y enmudeciendo a quien lo lee, ayer se conocieron detalles de un nuevo ataque sexual cometido contra una joven estudiante en la Ciudad Universitaria de la Capital (LA VOZ DEL INTERIOR, 07.10.2004).

## Um estuprador na capa do jornal

“O serial” ganhou de maneira definitiva as páginas dos jornais argentinos quando, em setembro de 2004, começou a circular massivamente um *e-mail* escrito por uma universitária de 20 anos, autoidentificada com o nome fictício de Ana, que denunciava ter sido estuprada na rua por um homem desconhecido. Na sua mensagem, ela contava que poucos dias antes, na noite de 28 de agosto, ia ao encontro de amigas quando foi atacada por um homem que a surpreendeu pelas costas e, sob a ameaça de “cortá-la inteira”, obrigou-a a entrar num prédio abandonado, onde foi estuprada na escuridão.

Com um *modus operandi* similar, Marcelo Sajen, durante muito tempo conhecido apenas como “o serial”, estuprou dezenas de mulheres – a maioria estudantes universitárias – enquanto conseguia escapar da intensa perseguição policial. Quando estava prestes a ser preso, atirou na própria cabeça na via pública, diante dos agentes policiais da operação que finalmente o agarravam. Mas esse

desenlace, ocorrido em dezembro de 2004, esteve precedido por meses de pânico social, que se tornou evidente – entre outras formas – nas manifestações de rua organizadas pelas vítimas, pedindo maior eficiência do Estado na perseguição – prisão do “estuprador”.

Em Córdoba, a segunda cidade em importância da Argentina, com 1,5 milhões de habitantes e uma média de 900<sup>77</sup> delitos sexuais (denunciados) por ano, a denúncia de Ana provocou um impacto singular: uma potente combinação de susto coletivo, solidariedade espontânea e indignação popular. Por um lado, não era comum que uma mulher divulgasse um drama dessas características, sobretudo, considerando o silêncio que envolve grande parte dos crimes sexuais. Por outro, ela afirmava que o estuprador era “o serial” que já tinha cometido vários crimes na mesma zona, e levantava a suspeita de se tratar de um policial ou de alguém com proteção policial.

Além dos detalhes sobre os fatos acontecidos naquela noite – como foi abordada pelo homem, qual foi o trajeto que realizaram juntos, que tipo de comentários ele fez – o relato de Ana pretendia chamar a atenção e promover ações destinadas a conseguir a prisão do estuprador. Não foi apenas um desabafo; foi uma denúncia concreta, repleta de elementos para o início (ou continuação) de uma investigação policial e um contundente protesto contra os organismos estatais responsáveis por erradicar a violência sexual e atender às vítimas.

Desde então, o tema adquiriu um *status* diferente, começou a captar a atenção permanente do jornalismo, e a informação fragmentada e esporádica que vinha sendo publicada se tornou um

---

77 A cifra é uma média das denúncias de violência sexual registradas nos anos 2006, 2007 e 2008 na *Unidad Judicial de la Mujer y el Niño* de Córdoba, criada em 2005, logo depois do caso do “estuprador serial”. O número indica a quantidade de delitos efetivamente denunciados em Córdoba, e não inclui os casos da chamada “violência doméstica” ou “familiar”. Não existem estatísticas oficiais do ano 2004.

assunto de interesse público e presença midiática constante. As primeiras matérias já permitem perceber uma das características do caso, recriada inúmeras vezes durante a cobertura: a incrível astúcia de um homem “perverso” que acoessa uma sociedade imaginada como indefensa e atemorizada. A ideia de estar perseguindo um delinquente sagaz que conseguia burlar qualquer cerco se consolidou durante os meses posteriores, ao ritmo das novas – e estereis – medidas instituídas para capturá-lo. Trata-se, segundo a retórica midiática, de um risco incontrolável que deixa os leitores vulneráveis à fatalidade.

Un violador serial, que tiene en jaque a la sociedad de Córdoba desde hace dos años, volvió a atacar en esta ciudad [...] El fiscal general de la provincia, Gustavo Vidal Lascano, pareció rendirse ante la evidencia: como con la Policía parece no alcanzar, le pidió a la gente que los ayuden a capturarlo. “Es francamente dificultoso llegar a este hombre [...]”. La historia del caso le da la razón. Once hombres fueron detenidos en el último año por parecerse al identikit [...] Todos fueron liberados: su ADN no coincidía con el del violador. (CLARÍN, 18/09/2004).

[...] ustedes saben que estas personas son desviados psiquiátricos y además tienen una actividad perversa. No estamos ante un delincuente convencional. Son tipos que planifican, se preparan para producir hechos tan terribles como son las violaciones. Y no resulta fácil agarrarlos, ni acá ni en ningún lugar del mundo (do governador de Córdoba, José Manuel de la Sota; LA VOZ DEL INTERIOR, 19/09/2004).

O *continuum* de notícias, informes e opiniões veiculado pela mídia fortalece o caráter intangível e onipresente das ameaças, ativamente rapidamente o que Rossana Reguillo (2009) chama de “a causa eficiente” dos medos. A autora se refere ao dispositivo por antonomásia utilizado pela mídia na sua “temível vocação simplificadora”. As violências existentes, diz Reguillo, unidas ao “trabalho da imaginação” (APPADURAI, 1994) e às retóricas dos meios, detonam um medo amorfo, criando uma atmosfera onde prevalece a ideia de uma “cidadania sitiada”.

No entanto, se o caso foi paradigmático em virtude da quantidade de episódios de violência de gênero que abrangeu, também o foi pelos diversos processos e relações que gerou ao seu redor. Longe de permanecer paralisadas, e ainda sentindo medo, muitas pessoas – sobretudo, mulheres – mobilizaram-se para conseguir a prisão de Sajen e, de forma mais geral, para lutar contra a violência sexual. Ana e um pequeno grupo de amigas – o mesmo grupo que aquela noite a acompanhou para fazer a denúncia policial e que depois organizou uma série de ações de mobilização pública – formaram a associação civil “*Podemos hacer algo*”, que ainda hoje trabalha em Córdoba no atendimento às vítimas da violência sexual.

A partir da quebra do silêncio por parte de Ana, outras jovens decidiram “falar” e progressivamente foi se configurando um estado de denúncia coletiva que derivou, no epílogo do caso, em concretas mudanças institucionais: a criação da *Unidad Judicial de la Mujer y el Niño*, instituída em Córdoba logo após o desenlace do caso como resposta às reivindicações das mulheres que sofreram os estupros, é apenas um exemplo dessas mudanças.

Nesse contexto, o discurso jornalístico, ao invés de aparecer como o habitual “intruso” que violenta a intimidade das vítimas, pareceu identificar-se com o drama das mulheres abusadas, outorgando-lhes visibilidade e reivindicando a sua luta. E na construção

mediática desse “evento crítico” (DAS, 1995), junto com a (re)criação de diversas representações de gênero e das violências<sup>78</sup>, o medo teve um protagonismo singular. Esse tópico foi construído através de múltiplas informações em torno da criminalidade e da chamada (in)segurança urbana, mas também apareceu como resultado de outras linhas de sentido que perpassaram a cobertura: a consideração do estupro como um sofrimento repentino e como quebra do cotidiano, a caracterização das mulheres ao mesmo tempo como vítimas e corajosas, e a representação do homem a partir de imagens animalizadas ou patologizadas.

## **Etnografando (em) textos e contextos**

Por se tratar de uma prática significativa na produção do discurso dos meios de comunicação operam condicionamentos ligados às relações de poder e, como tal, é um tipo de discurso socialmente legitimado para classificar, delimitar e interpretar. Assim, define lugares sociais para homens e mulheres, produzindo e reproduzindo aquilo que seria o próprio de cada sujeito segundo sua adscrição genérica, ao mesmo tempo em que marca limites e novas possibilidades de ação.

A análise do discurso jornalístico torna-se, então, fundamental para se conhecer como funciona essa estrutura simbólica hierarquizada que condiciona as relações de gênero (com as violências derivadas)<sup>79</sup>, e também para entender como se construíram algu-

---

78 A análise da discursividade midiática em torno das diferenças de gênero e as violências é o foco da minha dissertação de mestrado, “Saiu no jornal: a construção da violência de gênero no discurso midiático sobre ‘o estupro serial’ de Córdoba (Argentina)”, PPGAS, UFSC (2010), orientada por Carmen Silvia Rial.

79 Para a análise deste caso de violência sexual, situo-me no campo dos estudos de gênero (SCOTT, 1990; BUTLER, 2003) e, mais especificamente, na área de estudos

mas das novas significações que este evento específico produziu. Por sua vez, foi através desse discurso que se concretizaram determinadas modalidades de ação que deram visibilidade ao caso, com as respectivas respostas por parte do Estado. Ainda mais: várias dessas ações se cristalizaram *em e como* discurso, pois tal como afirma Stuart Hall (1997), “toda prática social tem condições culturais ou discursivas de existência”.

As ideias aqui apresentadas em torno da construção do medo fazem parte de uma etnografia que inclui todos os textos, fotografias e infografias publicados em *Clarín* e *La Voz del Interior*, os jornais argentinos de maior circulação no país e na província de Córdoba, respectivamente, desde 17 de setembro até 31 de dezembro de 2004. São 220 peças, identificadas só nesses dois jornais. A amplitude da cobertura<sup>80</sup> tem relação com que o considerado impressionante ou terrível, em termos de ruptura a respeito da ordem habitual, resulta sempre matéria-prima noticiável e do tipo que favorece a construção espetacular do relato. Também convém destacar que os acontecimentos que surgem sob a forma do imprevisível não desaparecem instantaneamente da agenda midiática, senão que tendem a desdobrar-se em novos acontecimentos, que formam uma série, permitindo reorganizar a percepção da realidade por parte dos leitores (MARTINI, 2000).

---

da violência contra as mulheres (GROSSI, 1994, 1998; SEGATO, 1999; MARCUS, 2002; MOTTA, 2006).

80 Considerando apenas os textos veiculados por *La Voz del Interior* e *Clarín* durante quatro meses (desde 1º de setembro até 31 de dezembro de 2004), o tema apareceu na capa dos jornais em 30 edições: 22 de *La Voz del Interior* e 8 de *Clarín*. Outro indicador significativo é o número de páginas da Internet em que aparecem juntas as palavras “violador”, “serial” e “Córdoba”, segundo o buscador Google: 53.200 registros só em espanhol.



Por sua vez, as características que marcaram o processo de construção deste acontecimento – o imprevisível, o comovente, o terrível – coincidem com aquelas que Veena Das (1995) descreve para os “eventos críticos”: momentos em que a violência irrompe no cotidiano da sociedade, provocando um sofrimento percebido como “repentino” e “inexplicável”, em que conjuntos de atores que levavam até então uma vida anônima surgem no espaço público interpelando o Estado. Ainda quando a descrição das modalidades (e das consequências) dessa interpelação não seja o foco deste trabalho, é preciso dizer que o caso se tornou um evento crítico não apenas pela violência inesperada inerente aos estupros, mas também pela aparição de novas práticas derivadas da transformação das chamadas “vítimas” em agentes políticos.

Para a análise das linhas de sentido e das principais estratégias discursivas que caracterizam a cobertura jornalística, considero algumas categorias provenientes da Análise Crítica do Discurso (VAN DIJK, 1990, 1998, 2000; FUNCK, 2005, 2006, 2009) e da Teoria dos Discursos Sociais (TDS) construída por Eliseo Verón (1985, 1987, 1987a, 1987b, 1995, 2001, 2004), que concebem os discursos como fenômenos de manifestação espaço/temporal de sentido.

Por sua vez, as premissas *foucaultianas* sobre “a ordem do dizível” (FOUCAULT, 1990, 1991, 1995, 1996)<sup>81</sup> funcionaram como o pano de fundo da análise, de forma tal que o discurso aqui é entendido como o resultado de um processo diferencial, relacional, incompleto, instável e aberto. Nesse sentido, a combinação da

---

81 Refiro-me à noção de discurso entendida como um conjunto de enunciados que ocorrem como *performances* verbais em função enunciativa, e que constituem objetos de luta, regulados por uma ordem do dizível, definida no interior de lutas políticas. Noção que se insere numa tradição que concebe os jogos de significação de maneira lógica, múltipla, heterogênea e plural.

análise discursiva com entrevistas realizadas pelos jornalistas autores desses discursos se sustenta na ideia de ir além do texto e ao encontro do contexto; ou seja, ao encontro das redes complexas em que estes textos se inserem e das quais emergem, tal como sugere Carmen Rial (2004).

Finalmente, neste trabalho, a comunicação é pensada nos termos propostos pelos estudos culturais: como uma maneira em que os indivíduos se constroem a si mesmos e as suas relações. Não a partir dos meios, mas das “mediações”; não como mera circulação de informações, mas no seu caráter de “processo produtor de significados” (HALL, 2003; MARTÍN-BARBERO, 1995, 2003). Trata-se, então, de “sair da imanência dos meios e colocá-los na larga perspectiva da cultura” (SCHMUCLER, 2008), entendendo “cultura” como sentido compartilhado, espaço de consensos, dissensos e conflitos (REGUILLO, 2006).

A escolha de autores que procuram salientar a natureza comunicacional da cultura e a natureza cultural da comunicação se inscreve na linha traçada por outras pesquisas antropológicas também interessadas nos meios de comunicação<sup>82</sup>, que já constituem uma área de pesquisa bastante reconhecida e que poderíamos chamar de Antropologia da Comunicação ou Antropologia da Mídia (SPITULNIK, 1993; DICKEY, 1997; ABU-LUGHOD, 2006; RIAL, 2003, 2004, 2007).

---

82 Refiro-me aos trabalhos das antropólogas Carmen Rial (2003, 2004, 2007) e Esther Hamburger (2004), entre outros. Para um inventário detalhado das pesquisas antropológicas sobre mídia realizadas no Brasil, ver o artigo de Isabel Travancas (2008). Já sobre pesquisas na área da comunicação que utilizam o método etnográfico, ver os trabalhos de Ana Carolina Escosteguy (2001) e Fabrício Silveira (2006).

## A gestão de sentidos sobre a (in)segurança urbana

Una catarata de desgracias cayó luego de que el gobernador se vangloriara de su política de seguridad. [...] Todos sus discursos fueron arruinados por el asesinato de dos ancianos [...], el asalto a un productor de aceite de oliva [...], el triple crimen en una pizzería [...], así como la aparición fantasmal de un violador serial (LA VOZ DEL INTERIOR, 02/10/2004).

A leitura das matérias da época, caracterizadas pelo discurso catastrófico e alarmista, remete ao que Theophilos Rifiotis (1997) define como a crescente extensão do campo semântico da violência, que nos leva a pensar que estamos diante de seu constante e inelutável aumento. Em um contexto repleto de relatos atemorizantes, as informações sobre “o serial” sitiaram as páginas dos jornais, realimentando de forma constante o tópico discursivo da (in) segurança urbana. As notícias sobre furtos, roubos, assaltos, assassinatos e, claro, estupros, cercavam (e continuam cercando) a vida cotidiana dos *cordobeses*, retratados como submersos no desconcerto e desesperação. E, sobretudo, como sujeitos invadidos pelo medo.

Mientras tanto, los vecinos miran cada rostro parecido al del identikit para desentrañar si detrás de esos ojos están los del violador; o alambran terrenos para evitar que pasen los de otros barrios; o vuelven con la idea de armarse porque murió el hombre que había sido asaltado un mes atrás (LA VOZ IDEL INTERIOR, 24/10/2004).

Mediante a gestão de sentidos associados ao que se entende como perigoso, incerto, ameaçador ou violento<sup>83</sup>, a mídia administra os imaginários em torno da (in)segurança, ao mesmo tempo em que elabora hipóteses sobre suas possíveis causas, constrói os deveres do Estado, incluídas as leis que seriam necessárias para evitar esse estado de coisas, e até sugere modos de conduta individual para se prevenir da “onda criminoso”. Assim, “a mídia tem um papel destacado na produção de uma cultura específica sobre a violência e a segurança, associada a uma homogeneização das suas múltiplas e diferentes manifestações” (SOARES, 1995, p. 17).

Neste caso, é importante se pensar na violência como uma linguagem compartilhada a partir da qual é possível analisar os limites da sociabilidade, a sua crise e as suas possibilidades (SOARES, 1995), sendo o medo um condicionante cada vez mais presente no convívio urbano. Seja pela adesão a estratégias de maior proteção individual, seja pela distância social e geográfica que a desconfiança no “outro” provoca, a sensação de medo acaba configurando práticas que modificam de forma substantiva hábitos e estilos de vida.

Ando con el pelo recogido y trato de ir sin calzado que tenga tacos, por si tengo que correr. Para defenderme, tengo mi llavero en la mano, es bastante grande y de hierro”, dice Liliana, estudiante de Ciencias Económicas.

---

83 Dentre os diversos significantes veiculados pela mídia que remetem a uma mesma matriz narrativa, aparece a noção de “pobre”, ainda que sutilmente colocada, como similar ou equivalente à violência. Segundo Rifiotis (1997), os jornalistas reproduzem a recorrente associação entre crime e pobreza, como uma verdade primordial, reafirmando o mito das “classes perigosas”, e a partir desta verdade se cria uma espécie de matriz narrativa capaz de gerar diferentes textos sobre os fatos registrados.

[...] Este año, muchas no cursaron materias de noche y le pidieron a sus padres que las fueran a buscar al salir de clases. Otras empezaron a usar taxis y el servicio gratuito de colectivos que se implementó en Ciudad Universitaria, precisamente para proteger a las estudiantes (LA VOZ DEL INTERIOR, 20/12/2004).

A antropóloga mexicana Rossana Reguillo, que analisa como a mídia propicia narrativas sociais que alimentam imaginários que naturalizam a relação entre violência, insegurança e pobreza, define o medo como “uma experiência individualmente experimentada, socialmente construída e culturalmente compartilhada” (REGUILLO, 2000c, p. 65; [tradução nossa]):

São as pessoas concretas as que experimentam medos; no entanto, é a sociedade que constrói as noções de risco, ameaça e perigo e gera modos de resposta estandardizada, re-atualizando ambos, noções e modos de resposta, segundo os diferentes períodos históricos (REGUILLO, p. 65; [tradução nossa]).

## **As retóricas do medo: limites e possibilidades**

A discursividade em torno do “serial” oferece múltiplas “retóricas do medo”, entendidas como “o conjunto de argumentações eloquentes que buscam persuadir e provocar respostas emotivas, através de tropos e imagens baseadas em juízos e razoamentos não reflexivos, ancorados num princípio de medos expandidos diante de riscos incontroláveis” (REGUILLO, 2010, p. 39; [tradução nossa]). Esses riscos incontroláveis aparecem repetidamente na cobertura midiática sob a forma de um estuprador astuto e inalcançável, capaz de atacar em qualquer momento e em todo lugar.

[...] el violador serial no sólo elige los lugares donde va a someter a sus víctimas sino que realiza un seguimiento previo de la mujer a atacar. (LA VOZ DEL INTERIOR, 23.10.2004)

El violador serial, para Courel (psiquiatra consultado pelo jornal), no tiene en cuenta el deseo del otro. La víctima no le importa como sujeto, sino como medio para saciar su pulsión de hacer sufrir. Su patología es mostrar el poder. “En él la violencia es un estimulante, algo que en su casa tal vez no tiene”, estimó.

(LA VOZ DEL INTERIOR, 25.10.2004).

Esse tipo de discurso pode provocar, entretanto, reações diversas: do recolhimento na intimidade à mobilização pública, incluindo alternativas tais como o armamentismo privado ou a tolerância com a produção política de “zonas de risco zero” (ou seja, a segurança em desmedro dos direitos humanos). Segundo Reguillo (2010), diante das “retóricas do medo”, a cidadania parece assumir que não há instituição capaz de protegê-la deste “vírus mortal” que é a insegurança crescente, e então elabora uma variedade de respostas “pré-políticas ou altamente políticas”. Ou, como explica Alba Zaluar em *Medo do crime, medo do diabo* (1994, p. 6), os jornais trazem manifestações de indignação dos moradores atemorizados, “que vivem atrás das grades de suas residências e dos vidros de seus automóveis, conclamando todos para o fim da passividade, sem dizer como fazê-lo”.

[...] la desesperación y la desconfianza de las chicas no cesa y la manía crece.

[...] es raro encontrar chicas solas a la noche. Después de las 21 ó las 22, muchas se quedan en

sus departamentos. No van a comprar nada que pueda esperar hasta la mañana siguiente. Cuando salen a bailar, si se pueden tomar un taxi para no caminar dos cuadras a solas y ponerse en riesgo, lo hacen (LA VOZ DEL INTERIOR, 20/12/2004).

No caso em foco, porém, o *corpus* analisado apresenta alguns exemplos de recolhimento para o íntimo e individual, mas também de estratégias de aliança, solidariedade entre pares e movimentos em grupo. Diante do “risco incontrollável” que o esturador implicava, as mulheres de Córdoba criaram suas próprias e específicas formas de lidar com o medo.

Se mueven en grupo, en especial para ir y volver de la facultad.

[...] Como medios de defensa, las jóvenes poseen en sus carteras cuchillos de cocina, aerosoles de gas de pimienta (los cuales están agotados), una pequeña alarma (ideada en principio para puertas y que pueden conseguir a seis pesos) o bien silbatos (LA VOZ DEL INTERIOR, 20/12/2004).

A profusa circulação de informação em torno do esturador –“*Nadie habla de otra cosa en Córdoba*”, disse *Clarín* – teve efeitos concretos no cotidiano de muitas mulheres. Algumas se organizaram coletivamente e criaram o grupo “*Podemos hacer algo*”, que inicialmente se ocupava de exigir a captura de Sajen e depois se tornou uma associação civil que luta contra a violência sexual. Outras se mobilizaram publicamente e participaram das passeatas e dos atos de rua, como foi dito antes. Muitas outras mudaram seus hábitos como forma de se proteger. A cidade dos universitários tinha se tornado “insegura”.

Considerando que todos os estupros cometidos por Sajen foram contra mulheres, espera-se que sejam elas – tal como evidenciam as matérias analisadas – “os sujeitos do medo” (MARCUS, 2002) e, portanto, as criadoras das variadas estratégias de prevenção e as usuárias das tecnologias da segurança. No entanto, é possível que a vulnerabilidade associada às mulheres – e, portanto, o interesse jornalístico pela forma com que elas se protegiam de um eventual ataque – não seja apenas uma consequência da vitimização constante que evidenciam as estatísticas criminais, e sim de um imaginário que atribui ao gênero feminino um medo que lhe seria inerente.

## Um medo feminino?

A socióloga Lucía Dammert (2007) afirma que, segundo a literatura internacional, “o gênero é um dos principais prognosticadores do temor” e que as mulheres sentem mais medo do que os homens<sup>84</sup>. No entanto, por trás desse temor ao delito, há elementos que devem ser considerados, ainda quando tendem a ser invisibilizados. Segundo a autora, a vulnerabilidade às agressões sexuais – diante das quais a probabilidade de as mulheres serem vítimas é pelo menos dez vezes maior que a dos homens – é um elemento que deve ser levado em conta na hora de definir a percepção do risco de ser vítima de uma agressão. Trata-se de uma percepção que, em

---

84 Em contraposição com a ideia generalizada de que as mulheres sentem mais medo, Eckert (2002) assinala, no contexto de uma pesquisa sobre as vivências de idosos na cidade de Porto Alegre, que são os homens os que padecem de forma mais acentuada determinantes da nova condição de insegurança e temor à vitimização. “Acostumados que estavam ao aproveitamento do tempo livre da aposentadoria para o convívio em formas de sociabilidade masculina no mundo público (rua), a opção pela restrição maior ao mundo doméstico, torna-se frequente” (Ibidem, p. 16; tradução nossa).



grande medida, se origina no *status* de subordinação histórica das mulheres e nas relações desiguais entre ambos os sexos. O temor das mulheres não aparece espontaneamente, senão que é parte de um processo aprendido e socializado.

Numa perspectiva similar, Esther Madriz, autora do livro *A las niñas buenas no les pasa nada malo* (2001), explica que os diferentes graus de medo da delinquência entre homens e mulheres “podem explicar-se, pelo menos parcialmente, pelas imagens dominantes que mostram divisões estruturais de gênero e apresentam às mulheres como comparativamente vulneráveis, fracas, impotentes e passivas, e os homens como fortes, enérgicos, poderosos e ativos” (Ibidem, p. 30; tradução nossa). Especificamente a respeito da violência sexual, a autora assinala que a maioria das mulheres “experimenta o medo ao estupro como uma persistente e corrosiva sensação de que algo terrível poderia acontecer; uma angústia que lhes impede fazer coisas que desejam ou precisam fazer” (Ibidem, p. 32; tradução nossa).

Entre as mulheres de Córdoba, também se verifica a presença do medo – em alguns casos, inclusive, como um obstáculo insuperável – mas ele nem sempre funcionou como um impedimento para fazer coisas que elas desejavam ou precisavam fazer. Pelo contrário, como foi dito em parágrafos anteriores, a ameaça latente do estupro foi também um desafio e muitas das jovens desenvolveram criativas estratégias que lhes permitissem, mesmo com medo, continuar suas atividades e rotinas. A seguir, dois exemplos opostos, publicados na mesma edição do jornal:

[...] varias abandonaron la carrera y volvieron a su pueblo porque tenían terror de volver a la Ciudad Universitaria, uno de los lugares predilectos del violador serial.

[...] También, muchas se están interesando en la práctica de artes marciales, por si el depravado las aborda por detrás. “Además te ayuda a tener carácter y decisión”, comenta Karina, también de Ciencias Económicas (LA VOZ DEL INTERIOR, 20/12/2004).

Além das imagens de vulnerabilidade com que habitualmente as mulheres são retratadas e das comparações de gênero hierarquizadas que a mídia, em termos gerais, produz e reproduz, neste caso se agrega mais um elemento que pode ter sido crucial para a construção do medo das mulheres: a discursividade em torno de Sajen, que durante a cobertura foi recriado como um homem astuto, hábil e indomável, que tinha o poder de surpreender, submeter e provocar dor. Patologizado e animalizado por meio das mais diversas hipérboles e metáforas, a imagem que o discurso midiático projetou do homem foi, efetivamente, atemorizante.

Em contrapartida, para descrever “*El peligro que nos rodea*” (manchete da matéria reproduzida a seguir) e demonstrar como a existência do estuprador mudou os hábitos de vida das mulheres, o jornal publicou o testemunho de algumas estudantes universitárias:

Siento que todos los hombres que me miran tienen la cara del violador [...] Siempre que voy sola miro para todos lados por temor a que parezca.

No ando más sola. A partir de las noticias sobre el violador, y como salgo tarde la facultad, empecé a organizar mi día desde el horario en que pasa el colectivo. (LA VOZ DEL INTERIOR, 20/12/2004).

Assim, “*a partir de las noticias sobre el violador*”, o medo se torna uma experiência coletiva,<sup>85</sup> dominante e imanente que funciona como argumento de controle social. Pois, como explica Reguillo (2000b, 2000c), a enunciação midiática constrói e amplifica o medo, que já não é apenas uma experiência individual, e adquire sua força política na confirmação de uma comunidade de sentido na qual se constroem as noções de risco, ameaça e perigo; geram-se modos de resposta estandardizados e a certeza de um “nós” a partir do qual se interpreta a realidade.

No entanto, e ainda nesse contexto de respostas estandardizadas que o medo provoca, existe aqui um ponto de ruptura: a agência corajosa de um grupo de mulheres; a decisão de falar, a vontade de sair, a força de se manifestar, a valentia de denunciar, a determinação de não ficarem quietas nem paradas. Essas ações também fizeram parte, tanto quanto as expressões de cuidado e recolhimento, das formas de vida desenvolvidas “após o estuprador”.

Las reacciones que generó la cadena de correos electrónicos con el relato de una de las víctimas del violador serial quedan como una muestra inobjetable de que, de cualquier manera, la comunidad es capaz de intentar para sí misma una cadena de auto-protección cuando el Estado, como responsable de la seguridad, falla (LA VOZ DEL INTERIOR, 10/10/2004).

---

85 Ao analisar os espaços societários de configuração das emoções, Mauro Koury (1999) explica que as relações sociais que emergem dos atores expostos a situações de risco determinadas são produto do movimento social ou institucional gerador da crise ou tragédia. “A dor e o sofrer fazem parte da experiência individual dos sujeitos sociais, como processo único e específico, mas ao mesmo tempo compreendido e compartilhado por toda uma coletividade espacial e temporalmente dada” (Ibidem, p. 75-76).

Referindo-se às formas de socialidade que o medo provoca nas sociedades urbanas contemporâneas, Cornelia Eckert (2007, p. 77) salienta que “não há só evitação, há gestos de transformação nas relações que nos levam paradoxalmente a nos aproximar do outro: uma ONG fundada por vítimas, a necessária corrente de vizinhos e a familiarização com algum outro próximo são pequenas subversões à imagem do indivíduo alienado e sem qualidades”. E, tratando-se das mulheres, essas pequenas subversões adquirem outra dimensão, pois a capacidade de assumir riscos também pode ser entendida como um atributo que empodera às mulheres.

Nesse sentido, vale lembrar as reflexões de Tamar Pitch (2008) no sentido de que, para transitar nas cidades contemporâneas, as mulheres não precisam da “esterilização” do terreno urbano, senão de mais recursos sociais, econômicos e culturais que lhes permitam atravessar esse terreno com confiança.

As mulheres de Córdoba, que compartilharam sentimentos de insegurança e vulnerabilidade, recorreram a ações paliativas, mas também desenvolveram suas transgressões e assumiram riscos. “Se há adesão ao gradeamento, se há segregação e afastamento do Outro, estranho, há também motivação de reconhecimento do Outro, há busca de pertencimento, de conformação de redes de interação”, explica Eckert (2007, p. 75), procurando dar conta da diversidade de modos de ação e relação que podem conviver ainda num contexto muito atemorizante<sup>86</sup>.

---

86 A maioria das etnografias sobre o cotidiano urbano desenvolvidas por Cornélia Eckert (2002, 2003, 2007, entre outras) inclui trabalhos de campo realizados em Porto Alegre, uma cidade que, por suas características sociopolíticas e demográficas, é comparável com Córdoba.

## Crônicas atemorizantes e controle social

La Policía salió ayer a saturar la Ciudad Universitaria y el barrio Nueva Córdoba, las zonas por donde habitualmente actúa el violador serial.

Una sencilla recorrida por los predios de la Universidad servía anoche para comprobar la presencia de móviles del CAP, policías parados en zonas oscuras, parejas de uniformados patrullando y efectivos en bicicleta. Algo similar sucedía en Nueva Córdoba, donde se advertía gran cantidad de móviles policiales con sus luces encendidas (LA VOZ DEL INTERIOR, 07/10/2004).

Em “A notícia como forma de controle social” (2006), Beatriz Marocco e Christa Berger descrevem, numa perspectiva foucaultiana, a mecânica de controle social que atravessa a produção dos discursos informativos. Assinalam que, embora Foucault não tratasse diretamente da notícia, ao caracterizar as instituições disciplinares, referiu-se à vigilância normalizadora que um tipo de imprensa francesa exercia sobre os corpos dos menos poderosos, quando incluía, obsessiva e diariamente, um “inimigo sem rosto”, muito próximo, presente em qualquer lugar. Seguindo essa pista, as autoras avançam na ideia de notícia como um instrumento de exclusão social, graças à objetivação da periculosidade de certos indivíduos e das estratégias conjuntas, adotadas entre o jornalismo e outras instituições, para controlá-los.

Essa linha de pensamento permite questionar as representações que nesta cobertura se referem, por exemplo, aos homens *trigueños* ou *morenos*, com idades entre os 30 e os 45 anos. Numa operação discursiva que também implica uma interpretação hierárquica das diferenças, as fontes policiais e judiciais (em geral,

homens brancos) insistiram na identificação do estuprador a partir da cor da sua pele e da sua possível origem em determinada região geográfica, seja esta o norte da Argentina – no limite com a Bolívia – ou a própria província de Córdoba.

Once hombres fueron detenidos en el último año por parecerse al identikit y todos debieron ser liberados al comprobarse que su ADN no coincidía con el del violador. El episodio más grave fue el de un verdulero que padeció 41 días de prisión y el escarnio público, ya que su identidad y hasta el domicilio de su familia, fue revelado por la Policía a la prensa (CLARÍN, 06/10/2004).

En las últimas horas recuperó su libertad un joven boliviano que había sido demorado por la Policía, a raíz de su parecido físico con el violador serial de Córdoba (LA VOZ DEL INTERIOR; 12/10/2004).

Também numa perspectiva *foucaultiana*, Daisi Vogel (2009) analisa a missão moralizante e estabilizante do jornalismo – no contexto da sua função docilizante – e em particular a das páginas policiais dos jornais que, com suas narrativas de crimes, “são instrumentos de produção do medo pelos grandes criminosos, tornando assim natural a presença da polícia no meio da população”. A autora lembra que, segundo Foucault, no século XIX, como forma de proteção da riqueza na sociedade industrial, houve uma ofensiva de moralização sobre a população destinada a distinguir o povo dos delinquentes que foram definidos como aqueles que são perigosos para todos e quaisquer grupos.

A relação entre os discursos do medo veiculados pela mídia em torno do estuprador e a notável presença policial registrada em Córdoba durante a perseguição de Sajen – apresentada pelo governo

como garantia de maior segurança para a população – poderia ser entendida, considerando as premissas *foucaultianas*, quase como uma questão de causa e efeito. No entanto, é importante lembrar que as mediações não funcionam de maneira linear e a mídia não trabalha de maneira autônoma, senão que multiplica e naturaliza discursos já existentes; por isso, nas enunciações midiáticas é possível encontrar as marcas<sup>87</sup> de imagens e ideias que circulam no social.

Assim, é tão necessário questionar o discurso controlador da mídia, visando identificar seus traços moralizantes ou docilizantes, quanto olhar para a diversidade de vozes que nele aparecem, procurando identificar os jogos interdiscursivos que são colocados em cada caso, já que no discurso jornalístico, tal como acontece com as condutas humanas diante do medo, também há fissuras, deslizos e espaços de resistência.

## Referências

ABU-LUGHOD, Lila. Interpretando la(s) cultura(s) después de la televisión: sobre el método. Iconos, **Revista de Ciencias Sociales**. Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Sede Académica de Ecuador, n.24, p.119-141, enero 2006. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=50902411>>.

APPADURAI, Arjun. Disjunção e diferença na economia cultural global. In: FEATHERSTONE, Mike (Org.). **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

---

87 Daí que alguns autores considerem a notícia como um sintoma social cuja análise de produção fornece pistas do mundo. Segundo Baczko (1984), a informação e os imaginários se estimulam e se contaminam mutuamente.

BACZKO, Bronislaw. **Los imaginarios sociales**. Memorias y esperanzas colectivas. Buenos Aires: Nueva Visión, 1984.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CLARÍN, [Buenos Aires, Argentina], 06/10/2004.

DAMMERT, Lucía. Entre el temor difuso y la realidad de la victimización femenina en América Latina. In: FALÚ, Ana; SEGOVIA, Olga (Eds.). **Ciudades para convivir**: sin violencias hacia las mujeres. Red Mujer y Hábitat de América Latina: UNIFEM: AECID. Santiago de Chile: Ediciones SUR, 2007.

DAS, Veena. **Critical Events**: An Anthropological Perspective on Contemporary India. New Delhi: Oxford University Press, 1995.

LA VOZ DEL INTERIOR. Argentina: Córdoba. Disponível em: <<http://archivo.lavoz.com.br/2004/2012UM/index.htm>>. Em: 12 out.2004.

DICKEY, Sara. La antropología y sus contribuciones al estudio de los medios de comunicación. **Revista Internacional de Ciências Sociais**, UNESCO, n. 153 p. 1-23, 1997. Disponível em: <[www.unesco.org/issj/rics153/dickeysa.html](http://www.unesco.org/issj/rics153/dickeysa.html)>.

ECKERT, Cornélia. A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre. In: MINAYO, M. C. de S.; COIMBRA Jr. C. (Orgs.). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, p. 73-102, 2002. (Coleção Antropologia e Saúde).



\_\_\_\_\_. Cultura do medo e cotidiano de idosos porto-alegrenses. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**. João Pessoa, Paraíba, v. 2, n. 4, p. 33-71, 2003.

\_\_\_\_\_. A cidade com qualidade. Estudo de memória e esquecimento sobre medo e crise na cidade de Porto Alegre. **Sociedade e Cultura**, v.10, n.1, dez., p.61-79, 2007. Disponível em: <<http://www.revista.ufg.br/index.php/fchf/article/view/282/2123>>

ESCOSTEGUY, Ana C. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. **Historia de la sexualidad – La voluntad de saber**, v.1. Buenos Aires: Siglo XXI, 1990.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão**. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

\_\_\_\_\_. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Saber y verdad**. Madrid: La Piqueta, 1992.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir.** Petrópolis: Vozes, 2004.

FUNCK, Susana Bornéo; MINELLA, Luzinete Simões (Orgs.).  
**Saberes e fazeres de gênero:** entre o local e o global. Florianópolis:  
Ed. da UFSC, 2006.

GLESER, Claudio; LEGUIZAMON, Dante. **La marca de la bestia.**  
Córdoba: El Emporio Ediciones, 2005.

GROSSI, Miriam. Novas/velhas violências contra a mulher no Brasil.  
**Revista Estudos Feministas**, v. 2 (número especial), p. 473-483,  
1994.

\_\_\_\_\_. Identidade de Gênero e Sexualidade. **Revista  
Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis: UFSC, Programa  
de Pós-Graduação em Antropologia Social, n. 24, p. 1-18, 1998.

\_\_\_\_\_. Gênero, Violência e Sofrimento. **Revista Antropologia em  
Primeira Mão**, 2.ed. (1998<sup>a</sup>). Florianópolis: UFSC, Programa de Pós  
Graduação em Antropologia Social, n.6, p. 1-22, 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade.** Rio de  
Janeiro: DP&A, 1997.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo  
Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HAMBURGER, Esther I.; ALMEIDA, H. B. Sociologia, pesquisa  
de mercado e sexualidade na mídia: audiências x imagens. In:  
PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA,

Sérgio (Orgs.). **Sexualidade e Saberes:** Convenções e Fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HAMBURGER, Esther I. **O Brasil antenado:** a sociedade das novelas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

HENN, Ronaldo; OLIVEIRA, Carmen S. Criminalidade e notícias nos jornais de Porto Alegre. In: **SBPJor**, 3, Salvador: UFBA, CD-ROM, 2004.

KOURY, Mauro. A dor como objeto de pesquisa social. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis: UFSC, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, n. 0, p. 73-83, 1999.

LACLAU, Ernesto. **Breves reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo.** Buenos Aires: Nueva visión, 1993.

MADRIZ, Esther. **A las niñas buenas no les pasa nada malo.** México: Siglo XXI, 2001.

MARCUS, Sharon. Cuerpos en lucha, palabras en lucha: una teoría y una política para la prevención de la violación. **Revista Debate Feminista.** México: Metis Productos Culturales, v. 13, n. 26, 2002.

MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa. A notícia como forma de controle social. **Revista Contracampo**, Niterói: UFF, v. 14, p. 7-17, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Secularización, desencanto y reencantamiento massmediático. In: **PRE-TEXTOS.** Conversaciones sobre las comunicaciones y sus contextos. Cali: Universidad del Valle, 1995.

\_\_\_\_\_. Os métodos dos meios e das mediações. In: **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MOTTA, Flávia de Mattos. A morte na janela: a ideia de morte em representações contemporâneas de estupro. In: MINELLA, Luzinete Simões; FUNCK, Susana Bornéo (Orgs.). **Saberes e fazeres de gênero**: entre o local e o global. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

\_\_\_\_\_. Raça, gênero, classe e estupro: exclusões e violências nas relações entre nativos e turistas em Florianópolis. **PHYSIS: Revista Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 29-44, 2006a.

PITCH, Tamar. **El género de la seguridad urbana**. Perugia: Universidad de Perugia, 2008.

REGUILLO, Rossana. **Las estrategias del desencanto. Emergencia de culturas juveniles**. Buenos Aires: Norma, 2000a.

\_\_\_\_\_. La construcción social del miedo. Narrativas y prácticas urbanas. In: ROTCKER, S. (Ed.). **Ciudadanías del miedo**. Caracas: Nueva Visión, 2000b.

\_\_\_\_\_. Los laberintos del miedo, Un recorrido para fin de siglo. **Revista de Estudios Sociales**, n. 5, Bogotá: Facultad de Ciencias Sociales, Uniandes/Fundación Social, p. 63-72, 2000c.

\_\_\_\_\_. Memorias, performatividad y catástrofes: Ciudad interrumpida. Contratexto: **Revista de la Facultad de Comunicación de la Universidad de Lima**. Lima: Perú, v. 4, mayo 2006.

\_\_\_\_\_. Los miedos contemporáneos: sus laberintos, sus monstruos, sus conjuros. Una lectura socioantropológica. **Revista Etnografías contemporáneas**. Buenos Aires: Universidad Nacional de San Martín, p. 45-72, 2006a.

\_\_\_\_\_. Políticas de la mirada: hacia una antropología de las pasiones contemporáneas. In: DUSSEL, Inés; GUTIÉRREZ, Daniela (Comp.). **Educación y la mirada**. Políticas y pedagogías de la imagen. Buenos Aires: Manantial/FLACSO/OSDE, p.59-74, 2006b.

\_\_\_\_\_. La in-visibilidad resguardada: Violencia(s) y gestión de la paralegalidad en la era del colapso. **Diálogos transdisciplinarios en la sociedad de la información**. La Paz: Fundación REDES, p. 33-44, 2010.

RIAL, Carmen. **Guerra de imagens**: o 11 de setembro na mídia. Antropologia em Primeira Mão, Florianópolis: UFSC, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, n.64, p.4-21, 2003.

\_\_\_\_\_. Estudos de mídia: breve panorama. **Antropologia em primeira mão**, Florianópolis: UFSC, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, n.74, 2004.

\_\_\_\_\_. Guerra de Imagens e Imagens da guerra: estupro e sacrifício na guerra do Iraque. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, p. 14-49, 2007.

RIFIOTIS, Theóphilos. Nos campos da violência: diferença e positividade. **Antropologia em primeira mão**. Florianópolis: UFSC, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, n. 19, p. 1-19, 1997.

SCHMUCLER, Héctor. Triunfo y derrota de la comunicación.  
**Revista Artefacto, pensamientos sobre la técnica**, Buenos Aires,  
2008. Disponível em: <www.revista-artefacto.com.ar>.

SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil de análise histórica.  
**Mulher e realidade**: Mulher e educação. Porto Alegre, Vozes, v. 16, n.  
2, jul./dez. 1990.

SEGATO, Rita Laura. A Estrutura de Gênero e a Injunção do  
Estupro. In: BANDEIRA, Lourdes; SUÁREZ, Mireya (Org.). **A  
Violência sexual no Distrito Federal**. Brasília: Paralelo 15, 1999.

SOARES, Luiz E. **Cultura do medo e violência no Rio de Janeiro**.  
Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 1995.

SPITULNIK, Debra. Anthropology and mass media. **Annual  
Review of Anthropology**, n. 22, p. 293-315, 1993.

TRAVANCAS, Isabel. A mídia no foco da antropologia. In:  
REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26, 2008, Porto  
Seguro. Bahia, Brasil, 2008. (Trabalho apresentado).

VAN DIJK, Teun A. **La noticia como discurso**. Barcelona: Paidós  
Comunicación, 1990 [1980].

\_\_\_\_\_. **La ciencia del texto**. Barcelona: Paidós, 1996.

\_\_\_\_\_. Prólogo. In: GIALDINO, Irene V. La construcción de  
representaciones sociales. Discurso político y prensa escrita. Un  
análisis sociológico, jurídico y lingüístico. Barcelona: Gedisa, p.15-19,  
1998.

\_\_\_\_\_. (Org.). **El discurso como interacción social**. Barcelona: Gedisa, 2000.

VERÓN, Eliseo. El análisis del contrato de lectura, un nuevo método para los estudios de posicionamiento de los soportes de los media. In: **Les Medias: experiencias, recherches actuelles, applications**. París: IREP, 1985.

\_\_\_\_\_. **La semiosis social: fragmentos de una teoría de la discursividad**. Barcelona: Gedisa, 1987.

\_\_\_\_\_. La palabra adversativa, Observaciones sobre la enunciación política. In: **Discurso Político, Lenguaje Y Acontecimiento**. Buenos Aires: Hachette, p.12-26, 1987a.

\_\_\_\_\_. **Construir el acontecimiento: los medios y el accidente de Three Mile Island**. Barcelona: Gedisa, 1987b.

\_\_\_\_\_. **Semiosis de lo ideológico y del poder**. La mediatización. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, Secretaría de Extensión Universitaria, 1995.

\_\_\_\_\_. **El cuerpo de las imágenes**. Buenos Aires: Norma, 2001.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos de un tejido**. Barcelona: Gedisa, 2004.

VOGEL, D. Sobre Foucault e o jornalismo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO (SBPJor), 6, São Paulo, 2008. **Anais...** São Paulo, Unesp, 2008. Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.ghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/coordenada2daisivogel.pdf>. Acesso em: 04/01/2011.

VOGEL, Daisi. Sobre Foucault e o jornalismo. **Verso e reverso**, **Revista de Comunicação**, Unisinos, v. 25, n. 58, p. 45-48, jan./ abr. 2011. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/revistas/index.php/versoereverso/article/view/789/145>>

ZALUAR, Alba. **Medo do crime, medo do diabo**. Rio de Janeiro: IMS-UERJ; Campinas: Unicamp, 1994.